

DE SATURNO: UMA INTERSECÇÃO DE ARTES

Cultura

Coordenador da atividade: Alexandre Almeida WEBBER¹

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE

Autores: Jessyca Freire dos SANTOS²; Jonathan Chasko da SILVA³; Luis Carlos NORBIATO JUNIOR⁴.

Resumo

O projeto “de Saturno” é uma intersecção de artes que, por meio da música, buscamos desenvolver as habilidades literárias e artísticas de seus componentes integrando à música, outras artes como a poesia e a performatividade. O grupo é formado por dois acadêmicos de Letras e uma participante da comunidade externa à Unioeste, os quais assumem outras personas em cena, abordando manifestações artísticas como, por exemplo, a arte Drag. A proposta desta ação é a realização de performances, não somente de algumas canções autorais do próprio grupo, como a musicalização de poesias e cover de canções consagradas. Desta forma, buscamos com criatividade e leveza, levar cultura para diferentes espaços não apenas da comunidade universitária, mas também da comunidade externa. Para isso, realizamos encontros de ensaio e discussão das formas de re/apresentação dos temas a serem discutidos apontando para reflexões críticas, sociais e políticas

Palavra-chave: Artes Integradas; Música; Performatividade.

Introdução

O ser humano, enquanto sujeito social e não indivíduo biológico, demonstra a necessidade de ficção desde longínquo tempo. Desde as civilizações mais antigas de que temos relatos e notícias, a necessidade de explicar sua realidade e encontrar seu local dentro do cenário que se estava levando um sem número de sociedades a ficcionalizar sua própria existência atribuindo adversidades e privilégios a forças superiores, das formas da natureza até sua personificação em deuses, entidades e/ou divindades. Com o desenvolvimento humano, essas sociedades deixaram de existir ou se mesclaram a outras sociedades, no entanto, a necessidade de ficção segue, até na atualidade, permeando a vida

¹ Alexandre Almeida Webber, servidor docente, Odontologia.

² Jessyca Freire dos Santos, membro externo.

³ Jonathan Chasko da Silva, graduando de Letras Português/Inglês.

⁴ Luis Carlos Norbiato Junior, graduando de Letras Português/Inglês.

das pessoas e motivando-as, de aspectos culturais com a religião a pequenas realidades passageiras do cotidiano, como jogos de sorte. Nesse sentido, encontramos na voz de Candido (2012) a afirmação da inerente necessidade de ficção:

Portanto, por via oral ou visual; sob formas curtas e elementares, ou sob complexas formas extensas, a necessidade de ficção se manifesta a cada instante; aliás, ninguém pode passar um dia sem consumi-la, ainda que sob a forma de palpite na loteria, devaneio, construção ideal ou anedota. E assim se justifica o interesse pela função dessas formas de sistematizar a fantasia, de que a literatura é uma das modalidades mais ricas (CANDIDO, 2012, p. 83)

É pautada nesta perspectiva que o projeto de extensão “de Saturno” busca saciar a necessidade de ficção de seus participantes na atividade artística, integrando à música outras artes como a performatividade e a literatura. Vivemos em um contexto de efervescência das discussões de sexualidade e gênero em um cenário político de discursos conservadores. Buscar nas artes um caminho para propor esse debate é uma das propostas do projeto, por esse motivo, a arte Drag é trazida ao palco junto da interpretação cênica com o intuito de causar a curiosidade e desconforto, pois, como Vladimir Saflate encerra de forma elucidativa seu texto “A miséria da Cultura”, a “arte deve ser: a imagem daquilo que a sociedade ainda não é capaz de pensar” (Safatle, 2012, s.p.). Dessa forma, integrar a arte Drag (aqui compreendida como uma arte performática que envolve, desde a maquiagem ao figurino até a construção de uma personalidade) é desestabilizar pensamentos concretos ao mesmo tempo de chocar, seja pela amiração ou pelo estranhamento, certezas encasteladas.

Butler (2017) aborda mais sobre essa desestabilização que a drag queen causa entre dicotomias pré estabelecidas e dadas, assim como tomadas, como norma por grande parte da população, dentro e fora do ambiente universitário.

A performance dela/dele desestabiliza as próprias distinções entre natural e artificial, profundidade e superfície, interno e externo – por meio das quais operam quase sempre os discursos sobre gênero. Seria a *drag* uma imitação de gênero, ou dramatizaria os gestos significantes mediante os quais o gênero se estabelece? (BUTLER, 2017, p. 9)

Propor esse questionamento que, em geral, as pessoas não se propoariam espontaneamente é provocar o pensamento crítico e desenvolver a sensibilidade artística

nas pessoas, assim como aprimorar as habilidades de externalizar dos membros envolvidos, que se convertem em artistas.

A pesquisa e a extensão se encontram no processo de estudo de referências e conceitos na construção da identidade do grupo, da construção das letras e melodias e na organização das demais materialidades mirando na recepção do material produzido para que o objetivo de causar o incômodo reflita na reflexão e compreensão crítica. A performance que configura esta atividade conta com a interpretação da canção “Para Não Dizer Que Não Falei das Flores” de Geraldo Vandré, seguida de três canções, duas de composição autoral do grupo (Lalala Ê e Stained Promisses) e outra resultante da união de dois poemas (O Canto das Correntes Polifônicas).

Metodologia

A metodologia utilizada foi a formação de uma dupla de dois graduandos de Letras para musicalização de alguns poemas com voz e violão, com o decorrer dos ensaios, houve a necessidade de um terceiro membro percussionista. E dessa forma, semanalmente, o trio se encontra para discutir sobre questões que podem ser abordadas por meio da poesia, no objetivo de dizer aquilo que todo mundo sente de uma forma não dita antes e unir isso a música e performance. O público-alvo é tanto a comunidade interna, como a comunidade externa da Universidade que desejem uma apresentação cultural, de espaços de exposição a eventos acadêmicos. A performance conta com a introdução, a capela, da canção “Para Não Dizer Que Não Falei Das Flores”, todas as estrofes são cantadas sem os refrões, que só se apresenta ao final. O Objetivo é a sensibilização e participação das pessoas espectadoras, num processo catártico, no refrão final. Em seguida, são apresentados os membros (personagens) do grupo, a saber, Sofia Ariel, Asmodeus e Marela. A segunda canção performada é a autoral do grupo “Lalala Ê” que em tom de alegria e samba expõe verdades que doem e que matam.

Lalala Ê / Lalala Ô / Lalala Ê / Lalala Ô / E eu só quero ver / O que vai acontecer / Sangue sujo / Mente amarga / Peito roxo / E bala de borracha / Empatia acabou / Uma guerra estourou / Sangue sujo / Derramado / Sobre corpos enjaulados / Multilados, acabou / A minoria chora / A terra clama o seu perdão / O futuro do Brasil está nas mãos / De velhos podres com uma mal intenção / Lalala Ê / Lalala Ô / Lalala Ê / Lalala Ô / Isso não tem perdão / Mas tem a solução / Construindo no Brasil / A revolta / Na insônia / Da revolução / População / Tratados como um cão / Prioridade / Para matar ou morrer / É negro fuzil na mão / Lalala Ê / Lalala Ô / Lalala Ê / Lalala Ô / Sinta o gosto amargo / Sinta a multidão / Chupe a sola do coturno / Do soldado que vem noturno / Piorando a

situação / Essa é a realidade / Cresce a mortalidade / Diminui a mentalidade / Qual é a sua verdade? / A verdade dói e ela mata / A verdade dói e ela mata / A verdade dói e ela mata / E eu vou me fortalecer.

A terceira canção é anunciada como uma união de dois poemas, Das Correntes e Canto Polifônico de Willian Lima Canedo, que apresenta, além de um questionamento às certezas cristalizadas, uma chamada de atenção às tantas mazelas sociais brasileiras que por vezes se esquece de lembrar ou pensar sobre, aguçando o senso crítico.

Eu me deixei prender / Em castelos de vidros / Em lugares perfeitos / Pra se ver de fora / Eu me deixei convencer / Por discursos conhecidos / Em caminhos já refeitos / Pra ser mandado embora / Minha voz ecoa / Tantas outras vozes / Vindas de mil posses / Que o tempo ressoa / Minha voz ecoa / Nos cantos das vielas / Das matas, das favelas / O canto que entoa / Eu fui sendo levado / A absorver cães mantidos / Em coleiras de salsicha / Que destroçam cada dia / Meu chão foi assim cavado / Meus sentimentos comprimidos / E quando caiu a ficha / Acabou falsa alegria / Minha voz ecoa / Quantas mil identidades / Sertões, ribeiras, cidades / Fernandos nem sempre pessoa / Minha voz ecoa / E sai do confinamento / Como que em e(s)coamento / Ainda que tanto doa

A quarta, e última, canção explora os sentimentos e a dor, não relegando o processo artística apenas como de revolta social, mas de escape emocional e sentimental. Além disso, é a única canção da proposta que é apresentada em língua inglesa, contribuindo para o exercício da língua estrangeira.

Why did You leave / Making me cry / Withou say goodbye / Making me burn every night / Mabe it's better leave / The cold touch hurts my soul / Either through Pain / Either by haltred in my veins / Everybody knews our case / And we ended up falling here / On a Cliff of stained promises / Say goodbye for the last time / Leave me alone at the crime Scene / Tell everyone I loved / Not to metion our tears of blood / You fuck my Head every day / Killing me, always killing me, You Know / Keeping me in your nightmares

Desenvolvimento e processos avaliativos

Ainda no início das atividades, o grupo conta com a participação da comunidade tanto interna como externa da Universidade caminhando na direção do que deve ser a extensão universitária e fazendo com a universidade seja um espaço, também, de produção artística e cultural e fazendo com que essas produções rompam os rígidos muros da academia.

O contato com novas formas e abordagens artísticas por meio da função poética, definida por Aranha e Martins (2009) como “aquela que visa à mensagem em si, colocando em evidência sua própria forma. A mensagem poética ou estética é sempre estruturada de maneira ambígua em relação ao código que lhe é subjacente” (ARANHA; MARTINS, 2009, p. 61) é possibilitar tanto aos artistas envolvidos quanto aos espectadores uma pluralidade de (re)significações do exposto e do recebido pela tangente da linguagem, dito de outro modo, por meio da arte, o amor e ódio, a tristeza e a alegria, a revolta e o conformismo podem ser expressos através de alegorias, não somente marcadas nas palavras pronunciadas pela voz que canta, mas pelo tom em que canta, pela melodia que a acompanha, assim como as expressões corporais e faciais que compõem a performance.

A melhora na habilidade de expressar-se é a grande contribuição da atividade na formação dos membros, estudantes ou não, envolvidos. Compreendemos que “o termo ‘expressão’, na acepção puramente psicológica, significa auto-expressão, ou seja, dar vazão aos sentimentos. É a reação espontânea a uma situação real e presente, indica o estado físico e mental em que nos encontramos” (KOUDELA, 2011, p. 32-33). Nesse sentido, desenvolver atividades artísticas funciona como um meio de externalizar questões do cotidiano dos estudantes que, acumulados, podem gerar malefícios à saúde, em tempos de tantos casos de depressão, a arte encontra espaço para escancarar as dores que não precisam ser escondidas nem cultivadas.

Considerações Finais

O projeto está em andamento e por essa razão não há objetivos alcançados, ainda em construção e desenvolvimento, algumas questões já foram sanadas. A escolha do nome do grupo contou com um levantamento de referenciais culturais dos membros participantes até o nome Saturno, o maior dos planetas, senhor dos anéis brilhantes, deus do tempo, aquele Cronos que come seus filhos, aquele astro que volta e cobra.

Quanto ao ritmo musical, a escolha pelo rock se deu pelo fato de que, como apresenta Bonini (2006), “o *rock* foi o ritmo que permeou todos os movimentos de contestação dos jovens” (BONINI, 2006, p. 387). Dessa forma, a contestação da própria realidade social, cultural, política e emocional, por meio da integração de diversas artes à música supre a necessidade de ficção por meio do fazer artístico, contribuindo para uma melhor qualidade de expressão dos participantes e desenvoltura pessoal.

Referências

- ARANHA, M. L. A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: Introdução à Filosofia. São Paulo: Moderna, 2009.
- BONINI, A. Relações Culturais: Movimentos sociais, políticos e culturais na sociedade contemporânea: é proibido proibir? In: **História**. Curitiba: SEED-PR, 2006.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- CANDIDO, A. A literatura e a formação do homem. **Remate de Males**, 3 dez. 2012.
- KOUDELA, I. D. **Jogos Teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- SAFATLE, V. A miséria da Cultura in: **Carta Capital**, 2012. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-miseria-da-cultura/>> acesso em 10 de jun. de 2019.